

A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS – A MORTE PEDE A PALAVRA

Gabriela Silva*

No lapso de tempo entre 1939 e 1943, Liesel Meminger encontrou a Morte três vezes, e em todas, ela saiu ilesa. Os acontecimentos da vida de Liesel, em uma Alemanha tomada pela guerra e pelo nazismo, é que formam o enredo de A menina que roubava livros (do original *The Book Thief*), romance de Markus Suzak (1975), publicado em 2007. O livro é dividido em 12 capítulos, incluindo prólogo e epílogo.

No primeiro capítulo, a narradora nos diz sobre o que é o livro:

É só uma pequena história na verdade, sobre entre outras coisas:

- uma menina
- algumas palavras
- um acordeonista
- uns alemães fanáticos
- um lutador judeu
- e uma porção de roubos. (2007, p. 11)

Depois de perder o irmão caçula, Liesel é deixada pela mãe com Hans e Rosa Hubermann, na rua Himmel, uma área pobre de Molching, uma cidade muito pequena nas proximidades de Munique.

Hans é um pintor desempregado que toca acordeom para ganhar alguns trocados a mais, uma vez que a guerra reduziu o trabalho de pintor; Rosa é dona-de-casa, juntamente com o trabalho da casa, ela lava roupas para outros moradores da cidade, forma que ela tem de sustentar a família.

Quando Liesel chega à casa dos Hubermann, traz consigo o primeiro livro que havia roubado: O manual do cozeiro. Esse foi um dos livros que ela roubaria durante quatro anos. Esse hábito que lhe concedera o apelido: a roubadora de livros.

A Morte, que nos tempos de guerra tem muito trabalho, resolve observar Liesel de perto, e é justamente ela que nos conta a história da menina, mesclando formas narrativas diversas, inserindo histórias dentro de histórias. A Morte apresenta-se:

Com absoluta sinceridade, tento ser otimista a respeito de todo esse assunto, embora a maioria das pessoas, sintam-se impedidas de acreditar em mim, sejam quais forem os seus protestos. Por favor, confie em mim. Decididamente eu sei ser animada, sei ser amável. Agradável. Afável. E esses são apenas os “as”. Só não me peça para ser simpática. Simpatia não tem nada a ver comigo. (2007, p. 9)

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Bolsista do CNPq.

Durante toda a narrativa a Morte, explica-se a si mesma, sustenta a sua necessidade e sua existência: “Às vezes eu chego cedo demais. Apresso-me e algumas pessoas se agarram por mais tempo à vida do que seria esperável.” (2007, p. 15)

Da viagem triste em que perdera o irmão e a mãe, a qual foi embora, Liesel percorre uma nova vida. A vida pobre dos Hubermann, e o peso da guerra transformam Liesel numa menina que anseia pela vida e por coisas melhores. Liesel tem dificuldade com a leitura e os pesadelos que lhe aterrorizam as noites, são acalmados pela presença de Hans o qual lhe auxilia na leitura, lendo os livros enquanto lhe faz companhia antes da chegada do sono.

A vida de Liesel é contada paralelamente aos “Os Diários da Morte”, em que a narradora relata o que acontece durante a guerra:

Diário da Morte: Colônia
Quinhentas almas
Carreguei-as nos dedos, feito malas. Ou então as jogava por cima do ombro. Só as acrianças é que levei no colo. Quando terminei, o céu estava amarelo como jornal em chamas(...) meus braços doíam e eu não podia me dar ao luxo de queimar os dedos. Ainda havia muito trabalho a fazer. (2007, p. 295)

Enquanto a Morte trabalha, na rua Himmel, Liesel conhece Rudy Steiner, seu melhor amigo e, por que não dizer o primeiro amor da menina (sentimento que ela evita ao máximo). Rudy é filho do alfaiate e vizinho. Na Alemanha nazista, o ídolo de Rudy era um corredor negro, fato que o tornava alvo de todas as piadas. Havia também Tommy Muller, o qual por causa de constantes infecções no ouvido, tinha ficado surdo. O passatempo de Liesel, além de roubar frutas e batatas na companhia de Rudy, era o de roubar livros:

Alguns dados estatísticos:
Primeiro livro furtado: 13 de janeiro de 1939;
Segundo livro furtado: 20 de abril de 1940;
Intervalo entre os citados livros furtados: 463 dias. (2007, p. 75)

A mulher do prefeito, cliente de Rosa Hubermann, dá a Liesel a possibilidade de entrar em contato com o universo dos livros. Ela lhe abre a biblioteca da casa, para que Liesel venha lhe fazer companhia enquanto lê um livro.

Com o passar do tempo, aparece Max Vandenburg, judeu, filho de um amigo de Hans, que ele prometera ajudar. O judeu que mora no porão: Ele ficava no subsolo o tempo todo. (2007, p. 222) Quando Max fica muito doente, Liesel o observa todos os dias, ansiando pela sua melhora. É ele que lhe dá um presente: um livro escrito e

ilustrado por ele, em que ele conta a importância da menina em sua vida: O vigiador. (2007, p. 199)

A dificuldade financeira, aumentada pela impossibilidade do pai de fazer parte do partido nazista, faz com que Liesel venha a odiar mais ainda Hitler. O mesmo Hitler levaria Rudy para a morte, e Max para longe. A Morte sempre por perto, vê todas as coisas que acontecem enquanto faz seu trabalho. Suas inferências permanecem durante toda a narrativa, configurando-a como uma narradora intrusa, uma vez que opina e relembra-nos de sua existência:

Uma verdadezinha. Eu não carrego gadanha nem foice. Só uso um manto preto com capuz, quando faz frio. E não tenho aquelas feições de caveira que vocês parecem gostar de atribuir a minha distancia. Quer saber como é a minha verdadeira aparência? Eu ajudo. Procure um espelho enquanto eu continuo. (2007, p. 271)

A aprendizagem da leitura, com ajuda do pai, fez Liesel se tornar uma boa leitora, é ela que distrai os vizinhos que se refugiam nos abrigos antibombas. A guerra mata Hans e Rosa Hubermann:

Foram jogando tudo para cima. Quando mais um pedaço de parede partida foi retirado, um deles viu o cabelo da menina que roubava livros. O homem deu uma risada de puro prazer (...). Houve uma grande alegria entre os homens que gritavam em algazarra, mas não pude compartilhar inteiramente de seu entusiasmo. Antes disso eu havia segurado o papai dela num braço e sua mamãe no outro. Duas almas muito suaves. (2007, p. 432)

Mas Liesel sobreviveu: viveu até uma idade avançada, longe de Molching e da extinção da Rua Himmel (2007, p. 471). Ela só morreria muito tempo depois, entre netos e livros em um subúrbio de Sidney.

É no final da vida que a Morte, que a havia lido acompanhado durante os difíceis anos da guerra, entrega-lhe o livro que ela havia perdido em Molching: *A menina que roubava livros*, que a própria Liesel havia escrito.

A Morte termina a sua narrativa contando sua conversa com Liesel:

Tive vontade de dizer muitas coisas à roubadora de livros, sobre a beleza e a brutalidade. Mas que poderia dizer-lhe sobre essas coisas que ela já não soubesse? Tive vontade de lhe explicar que constantemente superestimo e subestimo a raça humana – que raras vezes a estimo (...) tudo o que pude fazer foi virar-me para Liesel Meminger e lhe dizer a única verdade que realmente eu sei. Eu a disse à menina que roubava livros e digo a você agora. Última nota de sua narradora: os seres humanos me assombram. (2007, p. 478)

A figura da morte, captada e transformada por Markus Suzak tem as origem nos mitos gregos e nas consequentes transformações que o homem fez de sua iconografia. *Morte (Mors)* era também o nome de *Tânatos*, que seria o deus da morte enquanto *Hades* seria o deus do mundo dos mortos. *Tânatos* era filho de *Nix*, a noite, e *Érebo*, a noite eterna do *Hades* e irmão gêmeo de *Hipnos*, o deus do sono. *Tânatos* contrapunha-se a *Eros*, também seu irmão, o qual era relacionado à vida. Os gregos representavam o deus da morte com a figura de uma criança de cor preta, com os pés tortos, acariciada pela *Noite*; ou, ainda, com o rosto desfeito e emagrecido, coberto por um véu, os olhos fechados e com uma foice na mão. O deus era conhecido por ter o *coração de ferro* e as *entranhas de bronze*, habitava o *Tártaro* ou, conforme as versões do mito, morava na entrada do Inferno. (GUIMARÃES, 1999)

O poder exercido por *Tânatos* está limitado aos homens, pois os deuses, como são imortais, não sofrem a sua influência. Em virtude da sua posição, ele é injuriado pelos mortais e rejeitado pelos imortais. Segundo Howarth e Leaman na *Enciclopédia da morte e da arte de morrer*:

Quando vem buscar alguém, é habitualmente acompanhado por espíritos funestos, “*as parcas da morte*”, conhecidas também como cães do Hades, que devoram a vida. *Tânatos* tem de se submeter às três irmãs, chamadas Moiras, que tomam a decisão final sobre o destino humano: uma delas encontra-se sempre presente quando o deus aparece aos mortais. (2004, p. 496)

Em outras culturas a morte é representada também por uma imagem mitológica. No Ocidente ela aparece sob a forma de uma figura esquelética sempre vestida com um manto negro e trazendo consigo a foice ou ceifa:

Enquanto *memento mori*¹, o esqueleto da morte transportava a foice para a ceifa dos vivos, ou uma ampulheta, para lembrar a todos que as areias da mortalidade não param de correr. Antes do século XIX, o esqueleto da morte era mais um lugar-comum do dia-a-dia do que o horror inexprimível que hoje evoca sob a forma da ceifeira macabra. Agora de capuz e manto, o esqueleto tomou uma postura mais trágica e ameaçadora (...) A mensagem moral personificada pelo esqueleto era explícita: toda a humanidade partilha do mesmo destino, para o qual devemos nos preparar (HOWARTH e LEAMAN, 2004, p. 214).

¹ Do latim: lembra-te da morte in HOWARTH e LEAMAN, *Enciclopédia da morte e da arte de morrer*(2004,p.343).

A preocupação de aproximar e entender a morte no mundo moderno tornou-se uma maneira de garantir a felicidade. A ficcionalização da morte através da representação dos elementos míticos e significações, a possível convivência com a morte entre as coisas e os grupos sociais, transforma o constante medo da aniquilação em uma possibilidade menos dolorosa. As inventivas manifestações do homem em relação à morte são inesgotáveis no sentido de enganá-la ou ainda tentar conviver com a sua inevitabilidade.

Rompendo com o paradigma de que os homens é que esperam a morte, Markus Suzak, em *A menina que roubava livros*, ao inverter a polaridade da relação homem-morte, mostra-nos que talvez além de sermos observados pela morte, possamos mais do que ela nos assusta, surpreendê-la com nossas vidas. A morte é uma personagem e a personagem de um romance é sempre uma configuração esquemática, física ou psiquicamente, que de acordo com a elaboração de seu criador. É um ser totalmente projetado por palavras. Sendo palavras, às personagens, podem ser atribuídas diversas características e funções já que, muitas vezes são uma projeção do real, ou ainda, uma figuração mítica ou ideológica.

Referências

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário de mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1999.

HOWARTH, Glenys; LEAMAN. (Coord.) *Enciclopédia da morte e da arte de morrer*. Tradução 100 folhas. Lisboa: Quimera, 2004.

SUZAK, Markus. *A menina que roubava livros*. Tradução de Vera Ribeiro; ilustrações de Trudy White. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.